



ECOMUSEOLOGIA: RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE, MEMÓRIA E USO TURÍSTICO

MONTEIRO, Jéssica de Oliveira.
*Mestranda em Políticas Sociais pela Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro*
jessica.o.monteiro@hotmail.com

MONTEIRO, Jaqueline de Oliveira.
Especialista em Gestão Patrimonial e Ambiental em Turismo.
jackmonteiro28@yahoo.com.br

499

RESUMO

A ecomuseologia revela uma nova perspectiva de desenvolvimento integral do homem em uma vertente de relacionamento com o território e o efetivo envolvimento da comunidade na preservação e valorização de seu patrimônio natural e histórico-cultural. Este estudo consiste em uma análise sobre a localidade de Barra do Furado, localizada no município de Quissamã, no Estado do Rio de Janeiro e a possibilidade de criação de um ecomuseu nessa localidade. Quanto ao aspecto metodológico foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e eletrônicas referentes ao tema, e para um melhor embasamento, realizou-se também pesquisa de campo com entrevistas feitas a moradores locais. Propõe-se assim, refletir sobre a importância da preservação do patrimônio natural e cultural e como a criação de um ecomuseu favoreceria o fortalecimento da identidade cultural dos moradores.

Palavras-chave: Ecomuseu. Identidade. Turismo.

ABSTRACT

The ecomuseology reveals a new perspective on integral human development and its relationship with the territory and the effective involvement of the community in the preservation and enhancement of natural and historical-cultural heritage. This study consists of an analysis of Barra do Furado, in the municipality of Quissamã, in the State of Rio de Janeiro and the possibility of creating an ecomuseum in that locality. Bibliographic, documentary and electronic searches were held, and also field research with interviews with local residents. It is proposed to reflect about the importance of preserving the natural and cultural heritage and the creation of an ecomuseum would encourage the strengthening cultural identity of the inhabitants.

Key-words: Ecomuseum. Identity. Tourism.



INTRODUÇÃO

A cultura, o legado de um povo, suas manifestações e costumes, enfim, toda a produção humana constitui uma forma de perceber as relações interpessoais e a importância da coletividade na formação do homem. É um direito de o indivíduo conhecer sua herança cultural e com isso possibilitar a valorização e preservação de seu patrimônio.

Nesse contexto, a ecomuseologia se faz relevante para reforçar laços sociais com a comunidade e contribuir para que a mesma se sinta pertencente ao seu meio e perceba as diversas questões relacionadas a ele. É uma alternativa para o desenvolvimento integral do ser humano na busca de sua cidadania cultural.

A Declaração de Quebec (1984) ressaltou a discussão dos princípios que norteavam as práticas da nova museologia, relativas às funções atribuídas aos museus na contemporaneidade, e nessa perspectiva, a ecomuseologia surge como um meio de atender a esses anseios, assim como em outras nomenclaturas que se pautam no desenvolvimento integral do homem. Com isso, alguns princípios e exemplos de ecomuseus foram abordados para fundamentar o presente estudo, que se baseia na localidade de Barra do Furado, pertencente ao município de Quissamã, Estado do Rio de Janeiro.

Percebe-se que alguns moradores desconhecem ser partícipes de um passado histórico e não são conscientes do valor de suas expressões culturais. Aprendem, como muitas crianças, o contexto geral da história brasileira, mas não atentam para as características locais, como se não fossem pertencentes a um passado local e que este não contribuísse para o nacional e, ainda, não possuíssem uma memória coletiva.

Além disso, um fato alarmante e iminente é a possibilidade de implantação de um estaleiro nessa localidade. Sabe-se que empreendimentos desse tipo ocasionam impactos ambientais, sociais, culturais, dentre outros. Se a comunidade não for cônica de seu contexto sociocultural, como poderá se preparar para interagir com outros costumes, culturas distintas sem influenciar de forma a substituir seu legado cultural?

O ecomuseu se caracteriza por ser uma forma de tornar mais visível todo esse legado cultural da comunidade. É uma estratégia de fortalecimento da cultura e da memória da comunidade à medida que seus princípios filosóficos referem-se às



questões do território, preservação e valorização histórica e cultural do mesmo. Além disso, a prática ecomuseológica poderá propiciar um equilíbrio entre os impactos desse estaleiro.

A memória e a identidade estão intimamente relacionadas, sendo imprescindíveis para o indivíduo reconhecer-se em uma relação de passado/presente na construção de um sentimento de pertencimento ao lugar. A identidade, por sua vez, ressalta a maneira de se perceber no ambiente em que se está inserido e na perspectiva do outro, da alteridade e das implicações das relações na coletividade.

Para o embasamento deste estudo foram realizadas pesquisas a fontes documentais, bibliográficas e eletrônicas, bem como a realização de entrevistas a moradores locais.

Com isso, este trabalho objetiva analisar a importância da criação desse espaço museal para a memória coletiva da comunidade de Barra do Furado e a sua transformação em atrativo turístico.

ECOMUSEOLOGIA: UMA ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DA MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE CULTURAL

As novas necessidades do mundo contemporâneo contribuíram para que a museologia adequasse suas práticas à perspectiva de um desenvolvimento humano integral. A ecomuseologia, então, surge como fruto desse pensamento.

O museu, ao longo do tempo, foi considerado como um “lugar de memória”, sendo uma instituição que propagava uma história oficial de caráter dominante e hegemônico das classes formadas pelo clero, nobreza e militares. Seus acervos eram, em muitos casos, manipuladores das referências e símbolos do indivíduo, contribuindo para sua alienação.

Novos termos surgem para uma especificação da atividade museológica como, por exemplo, o ecomuseu que enfatiza a relação homem-território com seu patrimônio natural e cultural, propondo uma gestão sustentável dos recursos em uma dimensão ecológica. Pode considerar-se, então, como a “memória do lugar”, contrapondo-se a estática de ambientes e acervos, relativizando a questão espacial em que o acervo é a localidade, sendo o palco das manifestações humanas.



Torna-se, de certa forma, um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento cíclico e do seu desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984, s.p).

Com isso, a cultura popular permite outra abordagem, legitimando seu espaço na sociedade, na conquista pelos direitos culturais e fortalecimento de uma memória coletiva.

Percebe-se, então, que os museus passaram por diversas modificações de suas práticas frente ao cenário mundial ao longo dos anos. Esses espaços caracterizavam-se, muitas vezes, por instituições tradicionais, ressaltando o pensamento burguês em uma exposição de objetos descontextualizados.

Os objetos que fazem parte do acervo dos museus são retirados de seu meio e, conseqüentemente, adquirem outro significado referente ao seu novo ambiente, implicado assim, em sua autenticidade. O ecomuseu, em contrapartida, surge como forma de musealizar o território, contribuindo para a permanência dos elementos *inlocus* dentro de seu contexto, reafirmando-o (PEREIRO, 2002).

Dos gabinetes de Curiosidades entre os séculos XVII e XVIII à nova museologia do final do século XX, percebe-se a mudança de paradigmas referentes às funções atribuídas às instituições museais.

O caráter pedagógico inserido na função social dos museus conquista seu espaço, adquirindo relevância histórica durante a realização do Seminário Regional do Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre a Função Educativa dos Museus, em 1958, no Rio de Janeiro. O que se buscava não era somente a mera exposição de um objeto, mas agregar o exercício e desenvolvimento dos sentidos à experiência museal. As atividades museais podem se projetar como uma extensão do conteúdo de sala de aula, conferindo um aspecto complementar dessas práticas.

Essa ideologia é reforçada com o movimento de 1968, que refletia os anseios da sociedade quanto às implicações de uma ditadura naquela época no Brasil. Buscou-se, então, a conquista por uma nova concepção de museu e a luta contra a hegemonia elitista, assim como o autoritarismo e tradicionalismo de práticas museais. Novos



valores institucionais foram adquiridos e outras dimensões conferidas a esse movimento pela libertação das ideias.

Nessa percepção, verifica-se a mudança de paradigmas durante esse período. Isso ressalta que a existência de novos valores e atributos institucionais corresponde às influências dos diferentes contextos históricos.

A sociedade impôs suas convicções e contribuiu para novos rumos da museologia. Muitos museus passaram a ser contextualizados com acervos que remetiam aos hábitos de vida de comunidades, suas percepções de mundo, relativas ao seu imaginário museal, entre outros aspectos.

A toda ação libertária corresponde uma reação repressora; a toda contracultura corresponde uma cultura. E foi assim que 1968 ficou marcado não apenas como o ano de uma das maiores revoluções modernas, mas também como um dos anos de maior repressão” (CHAGAS; CHAGAS, 2008 s.p.).

Sendo assim, a ecomuseologia posiciona-se naturalmente na proposta de museologia ativa e sua abordagem surge como consequência de novos sentimentos e significados quanto à necessidade humana de construção de referências e símbolos genuínos no que concerne às manifestações populares.

ORIGEM E DEFINIÇÕES DE ECOMUSEU E MUSEU COMUNITÁRIO

Uma nova forma de pensar a função de um museu, de seu papel frente à sociedade ganha outra perspectiva com a Mesa Redonda de Santiago do Chile – Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 1972, um momento de discussão sobre a ação museológica na América Latina. Essa Mesa categoriza o museu a partir de uma visão integral, comprometido com o meio natural e cultural, juntamente com o envolvimento da comunidade, sua participação e interação nas atividades desses espaços. Considera-se que o indivíduo está inserido em um contexto em que atuam aspectos sociais, econômicos, culturais, entre outros, havendo a necessidade de uma compreensão pelo indivíduo dessas questões que influenciam em sua vida cotidiana.

O fato é que essa nova proposta museológica surge em meio a tendências de um mundo em constantes transformações, na revisão de determinados valores adotados e sua abrangência e adaptação à realidade contemporânea.



Um dos resultados mais importantes a que chegou a mesa-redonda foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Ela sugere que a UNESCO utilize os meios de difusão que se encontram à sua disposição para incentivar esta nova tendência (MESAREDONDA..., 1972).

Assim, o conceito de “ecomuseu” surge na França em 1970 e logo após a década de 80, aparece a ideia de “museu de sociedade”. De acordo com Claude Lévi-Strauss, essa ideologia se deu entre 1867 e 1889 em exposições universais com ênfase na vida cotidiana. Caracteriza-se pela participação da comunidade e sua relação com o território, objetivando a descoberta e criação de sua imagem. Um ecomuseu mostra as ideias e não somente se preocupa com a materialização da história e principalmente, reforça a nostalgia de uma expressão popular e não elitizada (PEREIRO, 2002).

A nova função social dos museus é ressaltada por Pereiro (2002) em sua assertiva sobre a importância da sustentabilidade ambiental e da interpretação para a preservação do patrimônio ambiental e cultural. Com esses atributos, a noção de integração do espaço torna-se efetiva. Para Oliveira (2007, s.p.):

Apesar de uma aproximação filosófica muito grande, há diferenciações entre o ecomuseu e o museu comunitário. O primeiro tem um envolvimento extensivo com o território e procura a preservação paisagística e histórica, com ou sem a comunidade originária. Ao contrário, o museu comunitário verifica, em primeiro plano, uma história hodierna da comunidade que ocupa o território, buscando as raízes do passado e os laços e produções culturais para a preservação do patrimônio e atividades que possam perpetuar o fazer artístico, a história cultural e as produções econômicas.

Verifica-se que o museu comunitário visa à valorização da herança cultural de um povo, seus testemunhos do passado e promove um espaço de discussão da comunidade, envolvendo a interação de diversos atores sociais e culturais. Caracteriza-se também pela luta de seus interesses e preservação de uma memória individual e coletiva.

Essas novas definições demonstram a necessidade de dinamização dos espaços museais e a utilização de símbolos comuns que sejam interpretados pelo público.

Nesse caso, a população deve ser cônica de sua história e da relação com o passado, presente e futuro. Esse movimento considera o porvir como consequência das



atitudes humanas e reforça a função da sociedade de colaboração e ajuda mútua para conservação e preservação.

De Varine (2008) observa que na museologia comunitária, a própria comunidade é o museu. Este museu começa com pessoas e não com objetos. Sua filosofia e sua prática são baseadas no relacionamento entre as pessoas da localidade e sua herança. A essência desse tipo de museu seria a integração da comunidade, na dialética de preservação e conscientização de toda uma cultura, em uma perspectiva popular de uma visão de “baixo para cima” em oposição à história tradicional da burguesia.

Já o ecomuseu estaria relacionado à territorialização e à musealização do espaço natural. Entretanto, nos dois casos, há a defesa pela preservação da história e dos laços culturais.

Segundo Priosti (2001), o ecomuseu é um desejo da comunidade na tentativa de defender uma identidade cultural e uma herança histórica. Essa autora não diferencia um termo de outro, considerando-os imanentes, com a reciprocidade de sua construção. Relata o processo de conscientização e de atividades educacionais do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) que fizeram parte da ação ecomuseológica em Santa Cruz, Rio de Janeiro.

O fato é que esses termos ao revelarem pontos em comum tendem a se integrar, não sendo excludentes. Em ambos há relevância pelo desenvolvimento local.

Oliveira e Priosti divergem entre si na percepção de hierarquia. Oliveira percebe que num ecomuseu, a comunidade pode estar ou não envolvida no processo, priorizando o território e a história, enquanto no museu comunitário, a população é considerada essencial em sua construção com seus hábitos, costumes e tradições.

Para a idealização de um espaço que reúna uma memória social faz-se imprescindível o conhecimento do contexto histórico-cultural. Não há como desejar algos e não houver a consciência de sua existência.

Com isso, a formação desses ambientes implica no reconhecimento do indivíduo de pertencer a algum lugar e de toda uma relação com seu passado histórico.

Sendo assim, esse olhar frente a uma nova dimensão da museologia reflete o aspecto identitário, a cidadania cultural de uma população e de uma ressignificação, de uma simbologia implícita ao meio.



IDENTIDADE CULTURAL

O ecomuseu, na perspectiva de revelar uma afirmação identitária na busca pelas referências culturais do indivíduo, proporciona a compreensão da obra humana e uma forma de expressão popular. Essa nova proposta museológica evoca o sentido de integração social, marcada pela construção de significados e mudança de olhar.

Esse termo facilita a existência de outra percepção de mundo do indivíduo, ressaltando fatores de coesão entre o grupo e a luta por objetivos comuns de seus marcos identitários e preservação de seu patrimônio (PRIOSTI, 2001).

O conceito de identidade refere-se não somente ao que concerne ao indivíduo, sua idiossincrasia, as características próprias de cada um, mas também corresponde a toda uma relação com o meio em que se está inserido, e a sua dinâmica de interação com os fatores sociais, econômicos, culturais, entre outros. Identificar-se é reconhecer a si mesmo com suas singularidades e no que tange ao elemento cultural, é sentir-se integrado a um grupo, a uma cultura, é perceber-se dentro de um conjunto de valores que vão ao encontro às suas perspectivas humanas.

A constituição da identidade tem a marca da ambiguidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um pólo, ora para outro. A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose (MAHEIRIE, 2002, s.p).

Percebe-se, então, que a análise do conceito de identidade não é unidimensional, tendo em vista que sua abrangência relaciona-se ao ser humano, e num contexto multifacetado, englobando o individual e o coletivo com os seus múltiplos papéis exercidos no espaço.

Para Morin (1986 *apud* MOESCH, 2002, p. 40) “o sujeito é o autor de seu processo organizador, por meio de sua singularidade. Sujeito é o ‘eu’ que se coloca no centro do mundo, ocupando o próprio espaço. Sua concepção é complexa, pois o ‘eu’ precisa de uma relação com o ‘tu’ e ambos pertencem ao mundo”.



Essa afirmação de Morin revela o caráter de potencialidade de um sujeito transformador de sua própria realidade, condutor de ideologias que se entrelaçam nessa relação entre “eu” e o “tu”, de modo que seja formado o “nós” para que seja desvelada a ideia de primazia da individualidade, desconsiderando a coletividade nesse processo.

A partir dessa reflexão sobre identidade, percebe-se a relevância da função de um espaço museal distinto da padronização de antigos museus que expunham, em muitos casos, um acervo que valorizava um contexto burguês, ainda que fosse um relato de uma herança nacional, ao invés de retratar um contexto mais próximo da realidade das comunidades. A estática das práticas adotadas dentro desses ambientes caracteriza-se pelo oposto da ecomuseologia.

O ecomuseu, pela via de mão dupla, interfere em dois pilares significativos: memória e identidade para o entendimento da essência humana. Caracterizando-se também por um reestabelecimento do vínculo do homem com a natureza, na tentativa de obter resquícios de seu passado e, através do sentimento de pertencimento ao lugar, sentir-se responsável pela conservação de seu legado cultural projetando-a para outras gerações.

Com isso, verifica-se a íntima ligação entre ecomuseologia e comunidade no estreitamento de laços sociais, pautados em uma ideologia de desenvolvimento sustentável.

ECOMUSEOLOGIA, COMUNIDADE E TURISMO

Na perspectiva de reforçar laços com o passado e promover o desenvolvimento de uma localidade, essa nova ideologia assume o caráter revitalizador de uma cultura. Nessa ideologia relativa à ecologia, há a integração do homem com fatores imanentes à sua existência, ao seu meio social, ao conjunto de sua produção humana, seus saberes, suas práticas, etc.

Segundo Pereiro (2003/2004), um ecomuseu é o local ideal para o estudo das relações do indivíduo, a compreensão dos grupos humanos, possuindo uma ligação com seu patrimônio etnológico e ainda contribui para o desenvolvimento cultural e turístico de uma região.



Com isso, implícitos à prática ecomuseológica estão a comunidade e o turismo, este como âncora e vetor para o desenvolvimento local e, se bem planejado, mitigador de impactos sociais e culturais, a partir da valorização da alteridade como recurso e produto de sua prática.

O ecomuseu ainda poderia proporcionar um diferencial em Barra do Furado, localidade abordada durante este estudo, atraindo visitantes interessados em cultura e que almejam obter uma nostálgica experiência. A perspectiva de transformar uma localidade em um museu contribui para a concretude de muitas percepções que não se fundamentam pela abstração e superficialidade de diversos acervos. Com o ecomuseu, o visitante perceberia a gama de construções simbólicas que a comunidade produz em seus espaços de vivência.

Segundo Goodey (2002, p.50) “o visitante gosta de entrar em um mundo diferente do seu e de experimentar coisas e produtos desconhecidos, até mesmo atitudes diferentes em relação à sociedade e ao meio ambiente”.

O ecomuseu nessa perspectiva se diferencia e ganha novos atributos do visitante como uma experiência única envolta pela magia e por seu aspecto mítico, cercado de símbolos que constituirão o seu imaginário social.

A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) apresenta uma listagem de espaços museais com enfoque comunitário pelo Brasil e pelo mundo.

No Brasil, destaca-se no Estado do Rio de Janeiro, o Ecomuseu de Ilha Grande e na região Norte do país, destaca-se o Ecomuseu do Seringal – Vale do Paraíso da Amazônia. E, ainda no Brasil pode-se também encontrar o Ecomuseu da Picada, localizado no Rio Grande do Sul, dentre outros.

Há também ecomuseus internacionais como o Ecomuseu de Seixal, em Portugal e também na Espanha, como por exemplo, o Molino de los Ojos e o Ecomuseu del Caserío Vasco.

Assim sendo, esses exemplos abordados reforçam as demandas por espaços museais que valorizam os laços sociais, históricos e territoriais das comunidades envolvidas no contexto de sua criação e origem e seus potenciais como atrativos turísticos.



BARRA DO FURADO E SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O ecomuseu, como vem sendo abordado no estudo, pode consistir em uma estratégia de integração da comunidade, na tentativa de promover a valorização da cultura e evidenciar os vínculos entre os moradores e o seu espaço no tempo. Visa à preservação e conservação do território e estimula novas percepções frente à mostra de expressões culturais de uma localidade, em que o lugar é o próprio museu, palco de diversos acontecimentos ao longo da história.

“O conceito de ecomuseu está marcado pelas iniciativas em favor do desenvolvimento sustentável e em harmonia com o ambiente, tem, portanto, uma orientação ecológica” (PEREIRO, 2002).

A localidade de Barra do Furado, pertencente ao município de Quissamã, interior do Estado do Rio de Janeiro, é marcada por sua relevância histórica no que concerne à chegada dos Sete Capitães ao longo da costa e diversos pernoites nessa região. Além disso, o povoamento se deu nessa área antes mesmo do centro do município.

Essa localidade é caracterizada por ser uma comunidade pesqueira, que pratica uma atividade artesanal, necessitando de equipamentos, infraestrutura e qualificação da mão-de-obra. Essa região possui particularidades referentes à existência de diversas espécies de cardumes.

Atualmente, Barra do Furado é referência nessa característica da pesca, mas visando apenas ao seu aspecto econômico, não atentando para o aspecto cultural de vivência desses pescadores e de seus hábitos e costumes reveladores de práticas e saberes. Nessa perspectiva econômica, há projetos para a construção de um estaleiro na região e, em seguida, de um porto.

Além dessa particularidade, Barra do Furado também é marcada pela realização de festas religiosas como a festa da padroeira Nossa Senhora da Boa Morte, ocorrida anualmente no mês de agosto e a festa de São Pedro, com a realização de procissão por meio de barcos no Canal das Flexas.

“As festas populares expressam as formas identitárias de grupos locais, onde o motivo de encontro, de fé ou simplesmente de celebrar atrai e identifica devotos e indivíduos de mesma identidade” (RIBEIRO, 2004, p. 49).



É interessante ressaltar o aspecto mítico que permeia essas manifestações, os laços sociais que são desvelados, conferindo uma referência comum a um grupo. Na interação com outras pessoas, evidenciam-se possibilidades, a percepção de suas raízes, contribuindo também para o fortalecimento da memória individual e coletiva.

As danças folclóricas que se realizavam na localidade de Barra do Furado já não fazem parte da vivência da geração atual. Essa tradição não é repassada aos demais e muitos jovens nunca souberam de sua existência.

De acordo com alguns relatos de moradores antigos, estes se reuniam na Casa da Baixada, local da proposta de sede do ecomuseu, e em um salão antigo da localidade. Dançavam valsas, quadrilhas, samba, forró, acompanhados por instrumentos musicais como violão, sanfona, pandeiro, dentre outros. A vestimenta correspondia a vestidos compridos para as mulheres, apelidadas de sereias por suas roupas arrastarem pelo chão. A quadrilha foi relatada pela maior parte dos moradores, sendo realizada nos meses de inverno.

Dentre essas danças, relataram ainda o “xote” e a mansuca. Essas manifestações caracterizavam-se por passos semelhantes, havendo pequena diferença entre uma e outra por um ritmo mais rápido em uma delas. No Estado do Pará, o “xote” perdura até hoje como tradição local, embora tenha sofrido algumas adaptações de sua forma primitiva.

Outra manifestação relatada foi Mana-Chica do Caboio, representação cultural oriunda da Baixada Campista e que influenciou a localidade de Barra do Furado. Há pouco estudo sobre essa dança, mas o que se observa é que a mesma tem semelhança ao jongo e particularidades como o “estalar de dedos”.

Inserida nessas manifestações, verificou-se a existência de um personagem do folclore brasileiro, além do bumba-meu-boi, que é o jaraguá, evidente nas festas de cunho religioso e que, em seu percurso, arrecadava dinheiro dos moradores. O jaraguá constitui-se por uma cabeça de animal, geralmente a de um cavalo, o seu pescoço é caracterizado por um cabo de madeira e o seu corpo por tecidos encobrendo o dançador. Este manipula a cabeça do jaraguá de forma a fazê-lo engolir o dinheiro e “dar vida” ao personagem.



Outras manifestações culturais podem ser percebidas, no que concernem ao patrimônio imaterial, referentes às práticas artesanais. Algumas mulheres utilizam fibra vegetal, como taboa e junco, frequentemente encontrados às margens do rio do Espinho que corta essa localidade, para a confecção de bolsas, tapetes, chapéus, cestas, dentre outros.

Na localidade em estudo apresentam-se também alguns pratos típicos que não são apreciados e elaborados pelos moradores mais jovens. Como Barra do Furado é caracterizada por uma região de praia e uma colônia de pescadores, os seus hábitos culinários são influenciados por esse perfil geográfico, tendo por base em sua alimentação peixes, camarão e frutos do mar.

Alguns pratos relatados pelos moradores antigos foram bolinho de peixe salgado, paçoca de banana verde, cachaça de pitanga, peixe com abóbora, geleia de pitanga, dentre outros. A gastronomia, então, surge como opção para incrementar o desenvolvimento turístico da localidade e, principalmente, tornar conhecida a herança cultural gastronômica de seus antepassados para os próprios moradores e também para os visitantes.

Em outras localidades do município de Quissamã, houve investimentos pelo poder público municipal na restauração dos prédios históricos, como a revitalização das senzalas, em Machadinha, o museu Casa Quissamã, o Centro Cultural Sobradinho, além da revitalização do jongo e do fado, etc. Entretanto, na localidade cerne do presente estudo, essas políticas públicas em prol da cultura, deixam à margem os moradores de Barra do Furado. O que se verifica é uma priorização dos possíveis ícones culturais pertencentes a uma elite burguesa dos barões e viscondes, com exceção de Machadinha, “marginalizando” uma cultura popular marcada por uma comunidade pesqueira, pertencente à história de Quissamã, principalmente na sua fundação como cidade.

É importante destacar que, ao longo dos anos, os mais jovens não conhecem essas tradições dos seus antepassados, não se percebem, talvez por esse próprio desconhecimento. Para se valorizar algo, deve-se conhecer primeiramente, para que assim possam ou não vir a ter atitudes preservacionistas de sua herança cultural.

Os moradores de Barra do Furado podem ou não possuir o interesse em valorizá-la, mas precisam ter o pleno conhecimento de sua existência, assim como houve no



jongo de Machadinha. A prática do jongo estava adormecida nessa comunidade, havendo então a sua revitalização e conscientização para os mais jovens. Houve investimento pelo poder público e o direcionamento desse legado para fins turísticos também como forma de alternativa de renda para a comunidade. Se havia ou não interesses alheios a essa revitalização, não compete essa discussão a este estudo, mas o que se questiona aqui são os níveis de priorização dessas revitalizações e as escolhas dos marcos identitários do município.

De acordo com as referências bibliográficas e os exemplos existentes que foram consultados, Barra do Furado poderia assim, musealizar seu território e possuir uma sede que reunisse suas manifestações culturais e que valorizasse a cultura popular, contrapondo-se à história oficial de uma elite dominante.

Nota-se em conversas com os moradores, o desejo em alguns por enfatizar a história local e conscientizar as novas gerações quanto a sua herança cultural. Percebe-se ainda a ausência de referência cultural de grande parte da comunidade, principalmente dos mais jovens. A ecomuseologia seria fundamental para atender a esses anseios e propor um marco identitário nessa comunidade, modificando sua percepção frente a seus símbolos e significados construídos no tempo e espaço. Algumas de suas manifestações não são mais frequentes em seus hábitos, tradições e costumes, estando à margem do esquecimento.

Valorizar os bens culturais de um lugar não é apenas importante para uma localidade, mas imprescindível para o desenvolvimento de um turismo que vise à nostalgia do diferente, a valorização da alteridade, das singularidades, da contemplação da paisagem, dentre outros. Trata-se, então, de uma questão de caráter educativo e interpretativo na tentativa de estabelecer vínculos com o bem patrimonial.

RISCOS AMBIENTAIS, SOCIAIS E CULTURAIS RELACIONADOS AO ESTALEIRO

Barra do Furado, por ser considerada um ponto estratégico na região, que engloba a Bacia de Campos, poderá ser alvo de fortes investimentos de empresas estrangeiras para a construção de um estaleiro e, posteriormente, de um porto. O município vem trabalhando com parcerias entre o governo do Estado do Rio de Janeiro



e o município de Campos dos Goytacazes. Esse empreendimento se situará entre os dois municípios, Quissamã e Campos, sendo Barra do Furado divisa entre eles.

Sabe-se que os diversos empreendimentos como estaleiros, usinas, portos, dentre outros trazem impactos que abrangem aspectos sociais, ambientais, culturais, e, principalmente, econômicos. Até mesmo o turismo em si gera esses tipos de impactos.

Com a implantação desses empreendimentos, muitas localidades veem-se assoladas pelo aumento da população e do fluxo de visitantes. Deve haver um planejamento participativo com a comunidade para o esclarecimento de possíveis dúvidas quanto à chegada de “forasteiros” e, principalmente se é o desejo dos moradores pela construção dos mesmos.

Percebe-se, até a realização da primeira pesquisa, em 2010, a ilusão desses habitantes quanto à geração de emprego e desenvolvimento local, pois acreditavam que seriam efetivamente empregados. Mesmo o município capacitando jovens, por exemplo, muitas vagas serão destinadas às pessoas com alta especialização, deixando à margem os pescadores com baixa escolaridade e experiência nessa área. Vale ressaltar que a preocupação dos moradores era relativa à violência, perda da tranquilidade, por exemplo. A população não dimensionava os impactos negativos que estavam atrelados aos grandes empreendimentos e que o fluxo gerado por eles traria consigo uma pluralidade cultural de pessoas de diversas regiões.

Muitas pessoas, então, em busca de novas oportunidades de vida chegam a esses lugares sem um vínculo afetivo, em muitos casos, podendo interferir na perda de referência cultural de uma comunidade.

ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

Para embasamento teórico do presente estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica em obras pertinentes ao tema e consultas a fontes eletrônicas. Houve também a realização de pesquisa de campo, para maior aprofundamento, sendo aplicados formulários para coleta de dados a respeito da percepção dos moradores da localidade de Barra do Furado quanto à sua história e experiência em espaços museais. Dentre as perguntas de natureza objetiva, optou-se por usar questões dentro do formato da escala



Likert, uma vez que esta escala permite conhecer a graduação das respostas e é adequada para medir atitudes e valores.

Os resultados referentes aos motivos avaliados segundo a graduação da escala Likert, com valores de 5 a 1, são apresentados na tabela 1. Deve-se ressaltar que nesta escala, as escolhas poderiam revelar desde a completa concordância (5 pontos) até a completa discordância (1 ponto). Cerca de 80 residentes foram entrevistados durante o período de setembro a outubro de 2010, na primeira realização da pesquisa.

Vale ressaltar que ao serem realizadas as entrevistas, esclareceu-se o sentido do termo “ecomuseu” e “patrimônio”, o que promoveu uma melhor compreensão do que foi proposto.

Tabela 1: Média obtida pelos motivos avaliados pela amostra pesquisada

Motivos	Média ponderada
A – Importância histórico-cultural da localidade	4,20
B – Identificação da história de Barra do Furado com a história de Quissamã	4,35
C – Benefícios da criação de um ecomuseu para a comunidade de Barra do Furado	4,25
D – Contribuição de um ecomuseu para o desenvolvimento turístico de Barra do Furado	4,86

Fonte: Elaboração própria

Pode-se perceber que, durante a aplicação dos formulários, houve uma certa dificuldade relacionada ao sentimento de uma referência cultural. Quando indagados sobre a relevância cultural da localidade, alguns respondentes atribuíram ao Casarão da Baixada a característica de ser o único elemento de sua história e herança cultural, mas grande parte desconhece as manifestações e expressões populares de seus antepassados. O motivo (A) “importância histórico-cultural” apresentou a menor média acumulada em comparação aos outros itens.

Quanto ao motivo (B) “a identificação da história de Barra do Furado com a história de Quissamã”, a maior parte dos entrevistados atribuiu-lhe o valor 5, concordando totalmente com essa afirmação. Dos que não concordaram, ou esse motivo lhes era indiferente, pode-se inferir uma não associação com a importância histórica da localidade e sua contribuição à formação do passado do município.



O fato de a criação de um ecomuseu em Barra do Furado trazer benefícios para a comunidade foi verificado no motivo (C). A maioria dos entrevistados (média 4,25) concordou com a possibilidade de criar um espaço museal que contasse a história da localidade e seus elementos culturais e que ao mesmo tempo trouxesse benefícios para a comunidade. Essa afirmação destinou-se a obter dos investigados a percepção quanto à função ecomuseológica em uma localidade.

O que se percebeu durante a entrevista foi que alguns moradores, ao relatarem suas opiniões, atribuíam aos benefícios da criação desse espaço o progresso e o desenvolvimento econômico apenas e não a dimensão social e cultural que esse tipo de atrativo traria à comunidade. Quando os moradores respondiam à escala de gradação, sempre explicavam de alguma forma o porquê das respostas.

A maioria, representada por 59% dos entrevistados, demonstrou ser sensível à importância de conhecer a história local e mostrá-la aos mais jovens. Cerca de 31% dos entrevistados declararam que o ecomuseu seria uma boa atração, aumentando o fluxo turístico e gerando renda para a comunidade.

O motivo (D) referente à “criação de um ecomuseu e a contribuição para o desenvolvimento turístico da localidade” obteve a maior média (4,86). Para os respondentes o ecomuseu seria uma atração que aumentaria o fluxo de visitantes. Além disso, divulgaria a localidade e mostraria aos turistas a história local.

Com essa pesquisa, pode-se observar que a comunidade associa diretamente aos benefícios de um ecomuseu uma visão econômica e não o fortalecimento da identidade, de laços sociais, dentre outros aspectos. As médias alcançadas pelos motivos A (menor média) e D (maior média) podem reforçar este entendimento.

Para atualização dos dados, realizou-se como técnica de investigação social, a observação participante com o mesmo grupo de moradores entrevistado, em 2010. Em reuniões frequentadas pelas pesquisadoras, em 2014, sejam elas realizadas pelas empresas envolvidas na construção do estaleiro, sejam pela Petrobrás, como a Agenda 21, percebeu-se que a visão relatada na pesquisa anterior permanece e que a construção do estaleiro divide opiniões. Atualmente, nesse grupo, percebe-se menor aceitação do que há quatro anos atrás. As obras iniciaram efetivamente e os impactos tornaram-se mais perceptíveis do que anteriormente.



APROPOSTA ECOMUSEOLÓGICA DO ACERVO

O acervo do ecomuseu seria caracterizado, em sua maioria, pelo patrimônio imaterial a partir de crenças, saberes e expressões populares. O intangível torna-se presente nesse espaço, sendo “materializado” por técnicas de interpretação do patrimônio. Porém, o que não se deve esquecer é a estreita relação entre o material e o imaterial. O acervo não se torna menos relevante por ser caracterizado pelo intangível, desvelando-se, então, como uma pseudo abstração. De acordo com Horta (2005, p.225):

Inútil querer separar a matéria do espírito de uma cultura, o material do imaterial, pois o saber, a vontade, a configuração dessa cultura permanecerão inalcançáveis, impalpáveis, inatingíveis, se não se manifestarem em alguma forma sensível, perceptível aos nossos sentidos, se não se revelarem através de um meio ou suporte, para que sejam recebidos, reconhecidos *incorporados* por outros indivíduos, no processo infinito da *semiose* da cultura.

Os atrativos nessa localidade são caracterizados por gastronomia, danças folclóricas, festas religiosas, artesanato, dentre outros. Esses atrativos marcam o acervo da proposta do ecomuseu, que por sua vez, está contextualizado no ambiente que o originou.

No caso da ecomuseologia, o objeto museológico se insere na perspectiva de um “objeto no contexto” categorizado por Ulpiano Bezerra de Meneses. O que se verifica é a necessidade de uma exposição que rompa o superficial do que se percebe apenas como puramente empírico (MOUTINHO, 2002).

Nessa vertente, o acervo de um ecomuseu em oposição ao museu tradicional e de práticas conservadoras, propicia à comunidade e ao possível visitante a íntima ligação entre objeto e realidade.

A comunidade, então, passa a ser alvo de discussões no que tange à sua participação e função social de construtora de uma história, com seus saberes e tradições. O poder de atração de suas manifestações ainda pode representar a mudança de olhar da comunidade, atribuindo novos valores e significados. Faz-se necessária primeiramente, essa resignificação para, posteriormente, desenvolvê-las como atrativo turístico.

Como afirmam Murta e Goodey (2002, p. 45) “a construção de atrações culturais e ecológicas é crucial para o desenvolvimento do turismo sustentado e necessário para reconciliar os interesses da preservação e desenvolvimento”.



Dessa forma, Barra do Furado com seu legado cultural estruturado e revitalizado poderá incrementar o fenômeno do turismo, e, ainda ser um diferencial do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou diversas questões sobre as novas práticas adotada sem museus e sua perspectiva de desenvolvimento humano integral ao longo na segunda metade do século XX. Discutiu-se neste trabalho uma das terminologias adotadas para esse fim, caracterizando o conceito ecomuseologia e museu comunitário.

Um ecomuseu pode atender aos anseios de dinamicidade das práticas museais e contextualização do acervo e, além disso, contribuir para o fortalecimento da identidade e memória coletiva da comunidade, ressaltando suas expressões e manifestações culturais. Na localidade de Barra do Furado, identificaram-se algumas dessas expressões como gastronomia, artesanato, festas religiosas, danças folclóricas, entre outras, sendo que parte desses costumes se restringe ao passado, não estando vinculada às práticas do presente.

Com isso, o turismo pode contribuir para o desenvolvimento da localidade de Barra do Furado, promovendo a geração de renda, mas primeiramente deve estimular a valorização de seu patrimônio pelo orgulho da comunidade em mostrar ao visitante sua história através do tempo. O ecomuseu poderia inserir-se nos segmentos de ecoturismo e turismo cultural, propiciando ao turista uma experiência no meio natural com seus aspectos culturais.

Faz-se necessária a realização de novos estudos relativos às manifestações culturais dessa localidade bem como maior atenção pelo poder público municipal em contribuir para o fortalecimento da memória social da comunidade de Barra do Furado, sendo esta “berço” da história do município de Quissamã.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário; CHAGAS, Viktor. 1968 e a morte dos museus. *Revista Museu*, 2008. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=17273>. Acesso em: 9 jun. 2014.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>. Acesso em: 29 mai. 2014.



DE VARINE, Hugues. *Tomorrow`s community museums*. Disponível em:
<http://assembly.coe.int/Museum/ForumEuroMusee/Conferences/tomorrow.htm>. Acesso
em: 24 abr. 2008.

GOODEY, Brian. Interpretação e comunidade local. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO,
Celina. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação
patrimonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. N. 31,
2005.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*. v.7,
n.13, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>.
Acesso em: 10 mai. 2014.

MATTOS, Yara. Ecomuseu, desenvolvimento social e turismo. In: *Associação
Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários: coletânea de artigos*, 2006.
Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/2.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2014.

MESA REDONDA de Santiago do Chile, ICOM, 1972. Disponível em:
<http://museologia.mestrados.ulusofona.pt/decalracoos.htm>. Acesso em: 24 mai. 2014.

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto,
2002.

MOUTINHO, Mário Canova. A construção do objecto turístico. In: *Anais do Museu
Histórico Nacional*. v. 34, 2002.

MURTA, Stela Maris. GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para visitantes: um
quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. *Interpretar o patrimônio:
um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O patrimônio total: dos museus comunitários ao
ecomuseus. *Revista Museu*, 2007. Disponível em:
<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=12673>. Acesso em: 22 mai.
2014.

PEREIRO, Xerardo. *Do museu ao ecomuseu: os novos usos do património cultural*,
2002. Disponível em:
<http://www.miranda.utad.pt/~xerardo/publica%20es/museus%20de%20antropologia/do%20museu%20ao%20ecomuseu.doc>. Acesso em: 24 mai. 2014.

_____ Tema 7: *O papel dos museus no turismo cultural*. 2003-2004.

Disponível em:
www.miranda.utad.pt/~xerardo/TURISMO%20CULTURAL/TEMA%207/TEMA%207.doc
c. Acesso em: 25 mai. 2014.

PRIOSTI, Odalice Miranda. *Ecomuseus, museus comunitários e identidade cultural*:



uma recíproca construção, 2001. Disponível em:
www.bibvirt.futuro.usp.br/content/download/2246/12937/file/museus1.pdf. Acesso em 24
mai. 2014.

RIBEIRO, Marcelo. Festas populares e turismo cultural-inserir e valorizar ou esquecer?O
caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. In: *Revista de turismo y patrimonio
cultural*.v.2, n.1, 2004. Disponível
em:<http://www.pasosonline.org/Publicados/2104/PS040104.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2014.